

## A UM SUICIDA

À memória de Tomás Cabreira Júnior

Tu crias em ti mesmo e eras corajoso,  
Tu tinhas ideais e tinhas confiança.  
Oh! quantas vezes desesp'rançoso,  
Não invejei a tua esp'rança!

Dizia para mim: — Aquele há-de vencer  
Aquele há-de colar a boca sequiosa  
Nuns lábios cor de rosa  
Que eu nunca beijarei, que me farão morrer...

A nossa amante era a Glória  
Que para ti — era a vitória,  
E para mim — asas partidas.  
Tinhas esp'ranças, ambições...  
As minhas pobres ilusões,  
Essas estavam já perdidas...

Imersa no azul dos campos siderais  
Sorria para ti a grande encantadora,  
A grande caprichosa, a grande amante louca  
Em quem tínhamos posto os nossos ideais.

Robusto caminheiro e forte lutador  
Havias de chegar ao fim da longa estrada  
De corpo avigorado e de alma avigorada  
Pelo triunfo e pelo amor.

Amor! Quem tem vinte anos  
Há-de por força amar.  
Na idade dos enganados  
Quem se não há-de enganar?

Enquanto tu vencerias  
Na luta heróica da vida  
E, sereno, esperarias  
Aquele segunda vida  
Dos bem-fadados da Glória  
Dos eternos vencedores  
Que revivem na memória —

Sem triunfos, sem amores,  
Eu teria adormecido  
Espojado no caminho,  
Preguiçoso, entorpecido,  
Cheio de raiva, daninho...

\*

Recordo com saudade as horas que passava  
Quando ia a tua casa e tu, muito animado,  
Me lias um trabalho há pouco terminado,  
Na salazinha verde em que tão bem se estava.

Dizíamos ali sinceramente  
As nossas ambições, os nossos ideais:  
Um livro impresso, um drama em cena, o nome nos jornais...  
Dizíamos tudo isto, amigo, seriamente...

Ao pé de ti, voltava-me a coragem:  
Queria a Glória... Ia partir!  
Ia lançar-me na voragem!  
Ia vencer ou sucumbir!...

.....  
.....

Ai! mas um dia, tu, o grande corajoso,  
Também desfaleceste.  
Não te espojaste, não. Tu eras mais brioso:  
Tu, morreste.

Foste vencido? Não sei.  
Morrer não é ser vencido,  
Nem é tão pouco vencer.

Eu por mim, continuei  
Espojado, adormecido,  
A existir sem viver.

Foi triste, muito triste, amigo a tua sorte —  
Mais triste do que a minha e mal-aventurada  
... Mas tu inda alcançaste algumacoisa: a morte,  
E há tantos como eu que não alcançam nada...

[1 de Outubro de 1911]

## QUÁSI

Um pouco mais de sol — eu era brasa,  
Um pouco mais de azul — eu era além.  
Para atingir, faltou-me um golpe d'asa...  
Se ao menos eu permanecesse aquém...

Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído  
Num baixo mar enganador d'espuma;  
E o grande sonho despertado em bruma,  
O grande sonho — ó dor! — quási vivido...

Quási o amor, quási o triunfo e a chama,  
Quási o princípio e o fim — quási a expansão...  
Mas na minh'alma tudo se derrama...  
Entanto nada foi só ilusão!

De tudo houve um começo... e tudo errou...  
— Ai a dor de ser-quási, dor sem fim... —  
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,  
Asa que se elançou mas não voou...

Momentos d'alma que desbaratei...  
Templos aonde nunca pus um altar...  
Rios que perdi sem os levar ao mar...  
Ânsias que foram mas que não fixei...

Se me vagueio, encontro só indícios...  
Ogivas para o sol — vejo-as cerradas;  
E mãos d'herói, sem fé, acobardadas,  
Puseram grades sobre os precipícios...

Num ímpeto difuso de quebranto,  
Tudo encetei e nada possuí...  
Hoje, de mim, só resta o desencanto  
Das coisas que beijei mas não vivi...

.....  
.....

Um pouco mais de sol — e fora brasa,  
Um pouco mais de azul — e fora além.  
Para atingir, faltou-me um golpe d'asa...  
Se ao menos eu permanecesse aquém...

Paris 1913 — maio 13.

7

Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte de tédio  
Que vai de mim para o Outro.

Lisboa, fevereiro de 1914.

### A INEGUALÁVEL

Ai, como eu te queria toda de violetas  
E flébil de cetim...  
Teus dedos, longos de marfim,  
Que os sombreassem jóias pretas...

E tão febril e delicada  
Que não pudesses dar um passo —  
Sonhando estrelas, transtornada,  
Com estampas de cor no regaço...

Queria-te nua e friorenta,  
Aconchegando-te em zibelinas —  
Sonolenta,  
Ruiva de éteres e morfina...

Ah! que as tuas nostalgias fossem guizos de prata —  
Teus frenesis, lantejoulas;  
E os ócios em que estiolas,  
Luar que se desbarata...

.....  
.....

Teus beijos, queria-os de tule,  
Transparecendo carmim —  
Os teus espasmos de seda...

— Água fria e clara numa noite azul,  
Água, devia ser o teu amor por mim...

Lisboa 1915 — fevereiro 16.

## SERRADURA

A minha vida sentou-se  
E não há quem a levante,  
Que desde o Poente ao Levante  
A minha vida fartou-se.

E ei-la, a mona, lá está,  
Estendida, a perna traçada,

No infindável sofá  
Da minha Alma estofada.

Pois é assim; a minh'Alma  
Outrora a sonhar de Rússias,  
Espapaçou-se de calma,  
E hoje sonha só pelúcias.

Vai aos Cafés, pede um bock,  
Lê o «Matin» de castigo,  
E não há nenhum remoque  
Que a regresse ao Oiro antigo!

Dentro de mim é um fardo  
Que não pesa, mas que maça:  
O zumbido dum moscardo,  
Ou comichão que não passa.

Folhetim da «Capital»  
Pelo nosso Júlio Dantas —  
Ou qualquer coisa entre tantas  
Duma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,  
Coisa que nunca fazia,  
E fuma o seu cigarrinho  
Em plena burocracia!...

Qualquer dia, pela certa,  
Quando eu mal me precate,  
É capaz dum disparate,  
Se encontra uma porta aberta...

Isto assim não pode ser...  
Mas como achar um remédio?  
— Pra acabar este intermédio  
Lembrei-me de endoidecer:

O que era fácil — partindo  
Os móveis do meu hotel,  
Ou para a rua saindo  
De barrete de papel

A gritar: «viva a Alemanha»...  
Mas a minh'Alma, em verdade,

Não merece tal façanha,  
Tal prova de lealdade.

Vou deixá-la — decidido —  
No lavabo dum Café,  
Como um anel esquecido.  
É um fim mais raffiné.

Paris — setembro 1915.

### CARANGUEJOLA

— Ah, que me metam entre cobertores,  
E não me façam mais nada...  
Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada,  
Que não se abra mesmo para ti se tu lá fores.

Lã vermelha, leito fofo. Tudo bem calafetado...  
Nenhum livro, nenhum livro à cabeceira —  
Façam apenas com que eu tenha sempre a meu lado,  
Bolos de ovos e uma garrafa de Madeira.

Não, não estou para mais — não quero mesmo brinquedos.  
Pra quê? Até se mos dessem não saberia brincar...  
— Que querem fazer de mim com estes enleios e medos?  
Não fui feito pra festas. Larguem-me! Deixem-me sossegar...

Noite sempre plo meu quarto. As cortinas corridas,  
E eu aninhado a dormir, bem quentinho — que amor...  
Sim: ficar sempre na cama, nunca mexer, criar bolor —  
Plo menos era o sossego completo... História! era a melhor das vidas...

Se me doem os pés e não sei andar direito,  
Pra que hei-de teimar em ir para as salas, de Lord?  
— Vamos, que a minha vida por uma vez se acorde  
Com o meu corpo — e se resigne a não ter jeito...

De que me vale sair, se me constipo logo?

E quem posso eu esperar, com a minha delicadeza?...  
Deixa-te de ilusões, Mário. Bom édredon, bom fogo —  
E não penses no resto. É já bastante, com franqueza...

Desistamos. A nenhuma parte a minha ânsia me levará.  
Pra que hei-de então andar aos tombos, numa inútil correria?  
Tenham dó de mim. Co'a breca! levem-me prà enfermaria —  
Isto é: pra um quarto particular que o meu Pai pagará.

Justo. Um quarto de hospital — higiénico, todo branco, moderno e tranquilo;  
Em Paris, é preferível — por causa da legenda...  
Daqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda —  
E depois estar maluquinho em Paris, fica bem, tem certo estilo...

— Quanto a ti, meu amor, podes vir às quintas-feiras,  
Se quiseres ser gentil, perguntar como eu estou.  
Agora no meu quarto é que tu não entras, mesmo com as melhores maneiras:  
Nada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o mais acabou.

Paris — novembro 1915.

— Quando eu morrer batam em latas,  
Rompam aos berros e aos pinotes —  
Façam estalar no ar chicotes,  
Chamem palhaços e acrobatas.

Que o meu caixão vá sobre um burro  
Ajaezado à andaluza:  
A um morto nada se recusa,  
E eu quero por força ir de burro...

Mário de Sá-Carneiro, *Poemas*, Lisboa, Biblioteca Editores  
Independentes, 2007